

In Yoo Inuancã
Centro

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

TEBE

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Considerações

Importunas

Por A. ROCHA MARTINS

NUNCA foi agradável chamar a atenção dos responsáveis para determinados problemas dos quais, em boa verdade, depende o sossego e bem estar dos povos. É desagradável porque é muito reduzido o número dos que escutam com humildade cristã a palavra que esclarece mas que, por força das circunstâncias, é censura ao rumo tomado, e, ao mesmo tempo, os que têm a missão de doutrinar — e neste caso está a imprensa — estão sujeitos a duros amargos de boca pelo desassombro em dizer determinadas verdades que, numa palavra, resumem o cumprimento do dever. Por nós não queremos ficar calados perante um problema que é fundamental para a humanidade e que urge, para bem da comunidade, ser encarado corajosamente. É o problema económico, das subsistências sem as quais a vida é impossível.

Nota-se uma crise material assustadora, embora com suas raízes numa impreparação espiritual e social.

É certo que muitas pessoas não usufruem do seu trabalho o rendimento material indispensável ao sustento e, especialmente, à condigna manutenção da família. Por falta de leis no nosso País que regulem, dentro da moral e do direito, estes problemas? De forma alguma, mas, simplesmente, porque há quem procure fraudulentamente fugir, ao cumprimento da lei e às imposições gritantes da consciência ou, então, iludindo-se e tentando iludir o próximo, cometem os mais degradantes atropelos legitimados por uma facciosa argumentação que, acima de

(Continua na página 9)

O CASTELO DE FARIA

reinado de D. Fernando, pálido de grandeza e patriotismo, deixa-nos ver a Pátria envolta de apatia e de fraqueza. A nobreza de então, dividida em seitas políticas, toma atitudes vexatórias e deprimentes, bem conhecidas da história, quando grupos de nobres, de alta estirpe, se passam para Castela.

O Reino não estava doente... O rei é que estava doente... Diremos com Camões:

«Um fraco rei faz fraca a forte gente»

D. Fernando, que a história designou com o epíteto de Formoso ou Inconstante, não estava, de certo modo, predestinado a grandes feitos... talvez pela sua fraqueza e pelo seu incrível desvairamento.



Tudo quanto de grande e de heróico, de sublime e de austero, se havia consolidado, ao longo da linha histórica dos monarcas anteriores a D. Fernando, parecia tombar, para sempre, para o lado de Castela.

As invasões dos Castelhanos estavam na ordem do dia, e o sangue português retemperado e plasmado nas conquistas gloriosas dos nossos primeiros reis, não estava totalmente ainda, injectado do vírus da cobardia, e a raça, continuidade dos holocaustos da nossa grei, continuava pronta para os maiores e mais abnegados sacrifícios.

Neste período calamitoso das incursões castelhanas há um homem, figura retemperada pela história e que Herculano nas Lendas e Narrativas tão primorosamente soube desenhar... esse vulto, ou melhor, esse gigante, foi NUNO GONÇALVES — o ALCAIDE DE FARIA.

Quando do recontro na Chã de S. Miguel, entre as tropas de Castela, comandadas por Pedro Sarmiento e as nossas, reunidas, tão desordenadamente e tão à pressa, entre os terços do Porto, Guimarães e Barcelos, perto de Carapeços, estas foram totalmente desbaratadas e o Alcaide de Faria ficou feito prisioneiro. Este, prevendo e receando que o seu filho, guardador do castelo, na sua ausência, se rendesse ante a sua libertação, exclama, junto da barbacã:

— Não te rendas, meu filho!!! Haja o que ouiver, mantém intacto o nosso baluarte, o nosso castelo, nem que me atormentem, nem que me matem.

Contudo os castelhanos não pouparam a vida do Alcaide, matando-o à vista do filho. Também o filho não entregou jamais o castelo ao inimigo, lutando desesperada e heróicamente na frente do cadáver do seu Pai. E assim, o feito do Alcaide, vai passando de geração em geração, para honra desta nobre e fidalga cidade de Barcelos, ilustre de feitos e homens célebres.

Nesta resenha, descolorida e simples, inserimos o célebre quadro de Condeixa, existente no Museu José de Bessa, no Jardim do Poeta António Fogaça.

A. B.

ANTÓNIO BAPTISTA

O PROBLEMA HABITACIONAL

na Classe Operária

JÁ por várias vezes nos tem sido solicitada a nossa modesta pena para focarmos o magno problema da habitação. Hoje, porém, apoiado em dados verdadeiros, em números intangíveis, vimos focar, embora superficialmente, este momentoso problema. A chave com que vamos abrir a porta deste artigo talvez não seja de ouro, nem de prata... é, certamente, uma chave ferrugenta que, de geração em geração, chegou até nós.

Ao focarmos o assunto da habitação, devemos dizer que não pretendemos ferir A ou B, menosprezar este ou aquele... Vamos, sim, explicar com as palavras da massa

AQUELE PETIZ

*Tão pequenino! Meu Deus!
E tão grande no sofrer!
Mãos esguias, quais punhais,
Em luta p'ra não morrer...*

*Tão pequenino! Meu Deus!
De mãozitas penduradas,
Lembra um boneco movido,
Por cordas desencontradas.*

*Cabelos sôltos... ao vento...
Assim dispersos... perdidos,
Lembram universos de dor
A perpassar-me os sentidos.*

*E os pèzitos tão descalços...
Assim, na lama, a brincar...
Têm um poder estranho
De me fazerem pensar...*

*Com outros meninos brinca
Nos charcos da mesma rua...
Na casa dele não há porta
E o teto é só a lua...*

*É feliz... sempre feliz,
Pois cre em Nosso Senhor
E sabe rezar sôzinho,
No meio da sua dor...*

Banco Pinto & Sotto Mayor

SEDE EM LISBOA

FILIAL EM BARCELOS

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

operária o que de verdade e de justiça nos pode merecer reparo. Os aglomerados populacionais vão aumentando e tudo justifica que o aumento prosseguirá... Eis uma verdade que, possivelmente, não oferecerá dúvidas a ninguém. Nós, assim o pensamos.

Esta verdade, portanto, é tão intuitiva, tão racional, que dispensa, certamente, que nos alonguemos em pormenores superficiais. Mas, na classe operária (pois só a esta, para já, nos referiremos), a população prolifera muito mais... As casas que a maior parte dos operários habitam (não nos referiremos às dos bairros para classes pobres) não estão, com verdade, saneadas e, portanto, não deveriam ser habitadas... Mas são habitadas...

Quantas espeluncas nós vemos em plena cidade, quanto pardieiro, sem condições higiénicas alberga um montão de corpos com alma.

Sobre este aspecto, poderíamos dizer algo de fustigante e de verdadeiro; mas deixaremos para outro artigo o que faltará neste. Por outro lado, o número de casas de renda acessível não é suficiente para albergar, nas condições normais, da dignidade da pessoa humana, um tão numeroso agregado de famílias operárias. E, em face da procura da habitação, surge, como por magia, a especulação exagerada por tantos e tantos, dos que nunca souberam o que é a vida e o que custa para ser vivida honestamente...

Em face dos dados que deixamos adivinhar nestas despreziosas linhas, é fácil de admitir o desejo constante que cada operário tem de viver numa casinha limpa e, se possível, sua. É certo que as Caixas de Previdência têm construído alguns blocos residenciais; mas, pela sua grandeza e majestade, ultrapassam de longe as esperanças dos operários que, não podendo pagar tão elevadas somas passam por elas e olham-nas com respeito... O operário dispensa a grandeza e a fachada, prefere a modéstia e a limpeza... Por outro lado e, em última análise, os terrenos para construções ultrapassam, em preço, os limites do seu justo valor e vemos, com bastante frequência, ouvir pedir por um

Leitor amigo

Se és, de verdade, amigo do nosso BOLETIM, faz com que ele seja lido pelo teu amigo e pede-lhe para ele o dar a ler a outro amigo, divulgando-o e enviando-nos para o nosso ficheiro mais outro nome, aumentando assim esta trincheira do bem, mensagem de alguns para todos vós.

Corrigenda

No artigo «Castelo de Faria» onde se lê ouve deve ler-se houver.

talhão de terreno somas exageradíssimas e incompatíveis com o bom senso. Perguntar-nos-ão: ...Não haverá forma de resolver tão magno como difícil problema?

Nós acreditamos que sim... De que maneira? (Perguntarão alguns). Pela formação de cooperativas inteligente e honestamente dirigidas.

Tendo a TEBE ao seu serviço cerca de 600 operários que, se descontassem todos, mensalmente, a quantia de 40\$00, alcançar-se-ia, num ano, um volume, em numerário, de 288.000\$, que dispendidos em blocos residenciais, albergariam, nalgumas décadas, dezenas e dezenas de famílias... Eis os dados lançados... Como serão interpretados?... Não duvidamos que serão bem...

Como não desejamos ser os arautos desta causa, nem colher os louros, que sempre desprezamos, lembramo-nos de focar este assunto, tão fácil de pôr em equação, tantas vezes fomentado, mas, infelizmente, ainda longe de solução imediata.

Seja como for, o assunto merece ser ponderado profunda e inteligentemente, encarando-o dentro dos princípios das cooperativas que, por toda a parte estão a criar raízes.

Como o assunto é vasto e se oferece a ser discutido, porque é discutível, e não dissemos tudo do pouco que queríamos equacionar, se nos for possível, continuaremos no próximo número.

Ignotus

Cobrança da assinatura

Como se aproxima o fim do ano e temos necessidade de manter, pelo menos, no mesmo nível salutar e doutrinária, o nosso «Boletim», vamos, dentro em breve, proceder à cobrança da assinatura anual que, pela exiguidade do preço (12\$00), certamente será acolhida de bom humor pelos nossos queridos assinantes a quem, antecipadamente, nos confessamos imensamente gratos.

A DIRECÇÃO

Considerações Importunas

(Continuação da página 1)

tudo e para maior escândalo, exige, ainda, um louvor. Infelizmente há disso.

Há necessidade de encarar com seriedade e à luz dos bons princípios este assunto que se prende e relaciona com a humanidade trabalhadora. Quem trabalha honestamente e cumpre o seu dever social deve, em boa justiça social, ganhar o suficiente para si e para sustentar a sua família. Os encargos contraídos, pela legítima constituição da família, não podem ser esquecidos e merecem o respeito dos que beneficiam do trabalho das pessoas que se encontram nessas condições. Já não podemos admitir, como nunca aceitamos semelhante argumentação, o modo de pensar de certo industrial a quem pediram, com muito empenho, o aumento de salário para um velho servidor da casa que constituía família e que tinha filhos: que me importa a mim, dizia o industrial; que constituísse família? Se o ordenado não chegava para isso porque casou; se não tinha rendimentos para que tem filhos?

Pensar deste modo é, não só, demonstrar uma crassa ignorância de tudo o que representa bom senso, justiça e caridade, mas, também, um individualismo feroz e criminoso. Têm sido, em grande parte, estes processos que originaram, dentro da família, base da sociedade e instituição sagrada abençoada e criada por Deus, os maiores crimes que modernamente constituem cancro moral e social a perder a sociedade egoísta e ma-

terializada. Prêga a doutrina cristã, por directo ensinamento da Divindade, que os homens, embora diferentes na cor, no nascimento e na posição social, estão ligados intimamente pelos laços duma indestrutível fraternidade. Quando o Mestre divino ensinou aos Apóstolos e a todos os homens a oração com que deviam prestar culto a Deus não lhes disse que rezassem «meu pai que estás no Céu», senão «Pai nosso que estais no Céu». Nisto se patenteia, dum modo explícito, a universal fraternidade. Sendo assim, como podemos estar de consciência tranquila ao ver tanta miséria e ao sermos, directa ou indirectamente, responsáveis do sofrimento alheio?

Compreendemos e admitimos como necessidade que é preciso haver distinção, hierarquia. Isso está inerente à própria sociedade. Mas o que é certo é que essa hierarquia e diferenciação social têm de ser, em boa lógica, as primeiras a colaborar no bem comum.

São muitos os males que afligem o mundo mas serão muito mais duros e universais se o esforço colectivo de colaboração inteligente não se unir ao desejo do Estado para solucionar certos problemas dos quais está dependente a vida humana e, consequentemente, a vida dos povos e das Nações. Escute-se a palavra serena e esclarecida do Vigário de Cristo e cumpra-se o ensinamento social dimanado do Vaticano e a paz será, no mundo, uma consoladora realidade.

QUADRO DE HONRA

Cabe hoje a vez ao operário da TEBE

Manuel dos Santos Pereira



que, pelas suas qualidades de trabalho, merece que o distingamos. Futuramente outros nomes, dignos de louvor, virão para este quadro.

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

Ao Sr. Dr. Novais Machado apresentamos os nossos agradecimentos pela maneira simpática como pôs à disposição do «Boletim Social da TEBE» as gravuras da Câmara. Tudo por Barcelos, nada contra Barcelos.

Excursão

No próximo número faremos publicar os nomes das empregadas e empregados que farão parte das diversas Comissões da grande excursão à Beira Alta.

Páginas Literária e Desportiva

As gravuras inseridas, como títulos destas páginas são da autoria do pintor Gonçalves Torres.

De entre milhões de Marias tu és a dos meus encantos: — Todos os dias são dias, mas há também dias-santos.

Silva Tavares

NATAL

O próximo número do nosso «Boletim» é dedicado ao Nascimento do Menino Jesus.

PÁGINA DESPORTIVA

ENTREVISTA COM EDUARDO

(continuação da página 6)

— Consideravelmente. Se não fôra esse pormenor, aliás importante, estaríamos classificados nos lugares cimeiros da tabela.

— Qual o desafio que mais lhe custou perder?

— O que fizemos contra o Vianense. A não sairmos vencedores o empate seria o desfecho lógico da partida. Fomos superiores durante todo o jogo. Mas tivemos contra nós factores que não pudemos vencer...

— Qual o conjunto que melhor o impressionou até à data?

— O Oliveirense, assim como o mais correcto se me afigurou o Lamego.

— Admite uma boa classificação para o Gil Vicente?

— E porque não? Se temos equipa capaz basta-nos um pouco de sorte, porque vontade não nos falta — a mim e aos meus colegas. Assim espero classificarmo-nos até ao 4.º lugar.

— Mas isso é excelente, amigo Eduardo, observamos por nossa vez, ao que o nosso entrevistado, com um sorriso de confiança e de optimismo, retorquiu:

— Sou um profissional de futebol e nessa qualidade defenderei com brio e dignidade a equipa que envergo. Quando desço ao terreno de jogo uma única coisa me preocupa: a bola e um resultado lisónjeiro para o grupo que defendo.

— Pratica outros desportos, Eduardo?

— Aqui, não. Dedico-me ao bilhar e neste jogo não encontrei ainda adversário à altura do meu valor. Sou temível e em breve nem mesmo a brincar terei adversário...

E a fechar, uma última pergunta:

— Gostaria de ficar por Barcelos?

— Gostava pelas razões já apontadas: pelas suas belezas e pela gente boa que possui e também...

Reparamos que Eduardo não continuou, mas os seus olhos vivos, a transbordar lealdade e boa disposição, fitaram-nos com interesse, e objectamos:

— Diga, diga, Eduardo, se for confidência fica entre nós.

— Sim, só entre nós: Barcelos tem lindas *guapas* que são uma tentação...

*

Se chamamos ao que acaba de ler-se uma entrevista é pura fantasia. Não foi mais que um pouco de conversa em que o correcto e simpático jogador nos transmitiu as suas impressões que nós reproduzimos com fidelidade.

Despedimo-nos do amigo e agradecemos-lhe a atenção que teve para connosco e nesta altura é ainda Eduardo que nos pede:

— Olhe, diga lá que se eu um dia cometer alguma falta no terreno de jogo que me perdoem. Sou intempestivo mas não agressivo. Jogando a bola, não sou como tantos que tenho encontrado que dirigem ao adversário os insultos mais indignos e até miseráveis...

Eduardo é, realmente, um carácter e confidenciou-nos a espécie de insultos de que tem sido vítima durante os desafios.

Aconselhamos-lhe calma, informando-o de que nem todos os atletas podem ser julgados pela mesma bitola.

Para estes casos, aliás muito importantes, é que os árbitros haviam de incidir toda a atenção, porque não têm sido poucas as vezes que se verificam expulsões por razões desta natureza.

DENTRO E FORA DO RINQUE

O Brasil e oquei em patins

Chegou até nós a revista brasileira «Tribuna de Metrópolis», com 6 volumosas secções e dezenas de gravuras, que gentilmente nos foi enviada pelo Desportista daquela cidade Senhor Décio Avelar Paluca, Ilustre Presidente da Associação dos Cronistas Desportivos de Petrópolis e Vice-Presidente do Mocidade Oquei Clube daquela cidade.

Das modalidades ali praticadas, o oquei em patins está a tomar tal incremento, que não nos surpreenderá ver a Nação irmã enfileirar ao lado dos grandes animadores do Campeonato Mundial.

Para testemunho do interesse que o Oquei já despertou nos meios desportivos brasileiros, aqui apresentamos a receita dos 12 jogos que o Académico do Porto realizou em terras brasileiras: 461.750\$00!...

Mocidade Oquei Clube — Campeão Fluminense de 1953

Também pela Tribuna de Petrópolis chegou a notícia que o «Mocidade

Oquei Clube» tinha brilhantemente conquistado o título fluminense da época, que no ano passado tinha perdido a favor do «Serrano».

O Mocidade possui um lote de jogadores apreciável, pois pelo menos 3 dos componentes da selecção da cidade que se bateu com o Académico, pertenciam à sua equipa.

Digno de registo o facto do seu avançado Marinho ser o primeiro brasileiro a bater o grande Emídio, o melhor guardião do Mundo.

Para o Mocidade Oquei Clube vão os nossos parabéns pelo seu feito.

O Juramento do Atleta

A terminar estas breves notas, e sem outro comentário, vamos reproduzir a 1.ª página da citada revista, na qual se vê um atleta empunhando uma fâmula, gravura que serve de cabeçalho ao juramento do atleta brasileiro:

— Juramos comparecer aos jogos desportivos como competidores dos regulamentos e dos nossos adversários, e com o desejo de neles tomar parte com espírito de cavalheirismo para glória do Desporto e Honra do nosso Brasil».

Meditemos nestas palavras que gostaríamos de ouvir aos nossos atletas.

GOLPE LIVRE

Uma empregada

É tão difícil e espinhoso fazer um juízo acertado acerca de este ou daquele que, por vezes, hesitamos continuar com o quadro de honra.

Hoje, porém, resolveu-se, espontaneamente, trazer à luz da publicidade mais um nome dos de dentro: Maria Isolete Lopes Machado. Fizemo-lo excepcionalmente e com a convicção de que será oportuno focar a razão de ser da sua fotografia... Esta rapariga simples, despida de vaidade, caminha, de cabeça erguida ao céu, para a fábrica e trabalha para merecer o que lhe pagam; outras, porém, sem o sentido das responsabilidades, faltando ao trabalho por sistema ou por meras conveniências, não encaram o problema da obrigação e pare-



cem desconhecer que se se lhes paga para trabalharem também é necessário merecerem o que recebem.

Outras, alegando doença, cometem um duplo crime, porque mentem e não produzem. Mentem, porque na noite anterior ou foram ao baile ou se esqueceram que no dia seguinte tinham de trabalhar... e contudo, têm coragem de alegar desculpas que o bom senso não perdoa... Outras ainda, por tudo e por nada sentem um prazer delicioso em estarem sempre a acusar as suas colegas...

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Em Barcelos e a contar para este campeonato o Gil Vicente venceu o Lamego por 5-0, resultado que foi feito na segunda parte do encontro.

Os visitantes souberam lutar com energia, e os locais não aproveitaram as ocasiões de golo, principalmente na 1.ª primeira parte.

— O Vianense recebeu o grupo barcelense e ganhou o encontro por 2-0.

O desafio poderia ter outro desfecho, se não fosse a anulação dum golo do Gil logo no início da partida, no qual só o árbitro Abel da Costa viu a falta.

— Com numerosa caravana de adeptos, o Gil Vicente foi a Santo Tirso arrancar um ponto precioso com um empate a uma bola.

Resultado justo e um desafio bem disputado.

— Igual resultado conseguiu o Famacão, pois veio a empatar a uma bola, resultado que premiou bem todo o esforço e espírito combativos demonstrados pela equipa visitante.

O Gil com todos os elementos, mas em tarde sombria, não pôde igualar a força de vontade dos adversários, que, com antecipação digna de registo, cortavam todas as jogadas.

A falta de remates resultantes do excesso de passes junto à grande área, foi em grande parte a causa predominante do empate consentido.

Pê Ele

APONTAMENTOS para a História da Poesia

(Continuação da página 8)

A Epopeia na Renascença

No séc. XVI, em Itália, aparecem mais dois extraordinários poemas: *Orlando Furioso* e *Jerusalém Libertada*. De Joaquim Ferreira vamos transcrever a:

Importância Global da produção literária do séc. XVI:

«A literatura portuguesa mal esbracejava nos primeiros passos, antes do séc. XVI, pelo contrário, marca uma súbita ascensão da nossa literatura para as culminâncias da arte. Sob os múltiplos aspectos, é esse o da áurea magnificência. Cultivam-se os mais variados ramos das belas letras e brilhou uma constelação de talentos literários. Só o séc. XIX se lhe equipara. Era a Renascença: as obras primas da Grécia e de Roma renasceram para a leitura e admiração dos homens cultos. A sua sugestão tornou-se universal e fecunda quanto às ideias e quanto à forma de expressá-las.

Acordando a sensibilidade juvenil para a arte dos gregos e latinos, o humanismo aguçava-lhes a ambição de assimilá-la e imitá-la. Daqui derivou um momento de expansão literária poucas vezes atingido.

O teatro, a poesia, a história narrativa e patriótica, a exposição de viagens, constituem os pilares deste glorioso século, Gil Vicente é o nosso maior génio dramático, Luís de Camões é o nosso maior génio lírico e épico.

— Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz, etc., etc.

O séc. XVI foi talvez na literatura o mesmo que na política: o mais esplêndido século da nossa história».

(Continua no próximo número)

*Eu olhei e tu olhaste;
sorris, sorrreste depois.
Eu falei e tu falaste,
casei — casamos os dois.*

Silva Tavares

É indigno de um homem honesto servir-se dos restos de uma amizade que termina para satisfazer um ódio que começa.

FENELON

O amigo que foge do seu amigo é tão digno de censura como o poltrão que foge do seu adversário com o receio de ser vencido.

GOETHE

NAUFRÁGIO À VISTA

No dia 8 de Novembro, domingo, deste ano (1953), pelas 16 horas (mais ou menos) tivemos ocasião de assistir a um naufrágio confrangedor e que, para sempre, ficará impresso nos meus olhos... À vista da praia, na cidade de Viana do Castelo, uma frágil embarcação, tripulada por um velho lobo do mar e seus dois filhos, sofria as inclemências das ondas alterosas... a débil embarcação não podia suportar os vagalhões desmedidos e, então, virada num ápice e envolta pelas ondas, parecia esconder-se de todos.

Os três bravos, um de sessenta e quatro anos e os outros, jovens, lutavam nadando, contra o impossível. Cá de longe os gritos ecoavam pela praia fora... as lágrimas saltaram de muitos olhos e os corações oprimidos, chocados, calavam fundo poe-

mas de angústia e ansiedade...

— Salvar-se-ão, diziam uns; outros exclamam: — eles lá andam suspensos nas ondas quais farrapos ao sabor dos acontecimentos. Tardamente, da praia, os socorros partiram. Primeiro um barco, a remos, tripulado por homens de rija tèmpera; depois, um pouco depois, partia um gasolina salva-vidas.

Os gritos, junto de nós continuavam, as exclamações e, possivelmente as preces erguiam-se ao céu... A pouco a pouco, luta após luta, os homens eram arrancados do turbilhão encafelado das ondas gigantes... Salvação à vista... Estão salvos!... Meu Deus! Salvos...

Nisto passa o barco que tinha partido primeiro trazendo dentro dele o pai dos outros dois rapazes; mas quase sem vida... Vieram do barco estas palavras: — Vão chamar uma ambulância,

depressa, muito depressa... Está mal... Era o velho que, exausto se deixou ir de encontro aos penedos e vinha certamente em estado deplorável... Depois regressam os seus dois filhos, de cabeça erguida como agradecendo ao céu tamanha misericórdia...

Porém quando fomos deixar Viana para regressarmos a Barcelos ouvimos estas palavras: — Coitado, salvou-se da penúltima vez; mas desta parece que se foi...

E assim, caros leitores, terminou esta tragédia, filha da luta pelo pão de cada dia.

Um velho lobo do mar que se perdeu para sempre na lembrança dos homens e que só os entes queridos recordarão e dois homens que, dentro em breve, vão cumprir o seu destino — O MAR... Novamente o Mar.

L. P.

CANTINHO DE ADRIANO FARIA

A responsabilidade do operário no trabalho

Expor o problema da responsabilidade dos operários no trabalho seria base mais que fundamental para uma série de longos artigos ou tratados que explicassem, de uma maneira simples e clara, toda a responsabilidade que, cada qual, deve medir quando ultrapassa a porta do trabalho... Numa ligeira passagem e sem a preocupação de querer pontificar, direi com toda a humildade da minha razão, o que penso de essencial, acerca das obrigações dos operários.

Atingida a idade escolar, a rapaziada desde logo começa a procurar uma colocação na oficina, na fábrica, no escritório, no campo, ou em qualquer dos múltiplos sectores do dinamismo hodierno. Em síntese, cada qual procura o mais honestamente possível ganhar o pão nosso de cada dia.

Colocado o operário à frente duma máquina, ou de qualquer outra força de produção, tem o dever moral, relacionado com o salário que auferir, de produzir o melhor e o máximo. Mas para que isso se dê é mister que o trabalhador concentre toda a sua atenção, toda a sua inteligência, toda a sua boa vontade, no trabalho que lhe está confiado.

E só assim poderá exclamar, com toda a paz da sua alma, que ganhou honestamente o seu trabalho. Diremos com Franklim: — A fome espreita à porta do homem laborioso; mas não se atreve a entrar.

Como o assunto tem que ser continuado, resolvemos ficar por aqui para, no próximo número, entrarmos mais na questão que nos propomos objectivar.

M. C.



Escada Nobre do Convento de Vilar de Frades

Ao passar pelo Convento de Vilar de Frades fiquei encantada com o que pude admirar. Ficou impressas nas nossas retinas esta escada maravilhosa, de linhas gritantes e, ao mesmo tempo austeras... Não escondi a minha admiração quando pude, igualmente, apreciar, em êxtase, os azulejos de Bartolomeu Antunes e que são, primorosamente, lindíssimos. Não me alargarei em considerações históricas, pitorescas ou artísticas; mas aconselho ao leitor a «Resenha histórica-pitoresca-artística» dos autores Major Mancelos Sampaio e A. Soucasaux.

Não entendi desacertada a ideia de levar mais longe e sempre as belezas desta ralha do Cávado, tão cheia de história, de arte e pitoresco. O meu propósito não é senão o de divulgar, com material verdadeiro, tudo que de grande e de nobre torne este rincão mais apetecível ao turista.

Temos obrigação de provar que Barcelos pode e deve ser visitada. Eis o meu propósito.

PÁGINA FEMININA

1.º de Dezembro Dia da Mãe—Dia da Senhora da Conceição

Nenhum português pode recordar esta data sem um estre-
mecimento de alegria e de justificado orgulho.

Realmente essa manhã do 1.º de Dezembro sur-
gira clara, cheia de sol, na Pátria Portuguesa. Pelas
ruas o povo chorava feliz e bendizia em gritos de júbilo os
fidalgos conjurados, tão dignos descendentes daqueles ou-
tros, que, em Alcácer-Quibir, perderam a vida mas salvaram
a honra.

Os portugueses eram ainda os cavaleiros da Idade-Média,
servindo um alto Ideal, pelo qual se batiam em lutas desiguais.

Mas só a consciência muito forte do sentir unânime do
País, podia dar forças àqueles ânimos intrépidos para assim,
procederem com tamanha audácia, naquela manhã de glória...

Em 60 anos de vexames e humilhações, em 60 anos de
tristeza e de vergonha, os portugueses não deixaram amolecer
o espírito ativo de outras eras, nem os seus braços fortes se
desabituarão de empunhar as espadas.

Nos serões dessas noites tristes muitas vezes se leram os
Lusiadas, e as suas estrofes ecoavam sonoras no peito dos va-
lentes, ansiosos por reviverem tantos e tão belos momentos
épicos. A revolta andava em todos os corações, a ideia da
Liberdade agitava todos os espíritos, faltava apenas a voz de
comando e Portugal inteiro bruscamente se levantaria liber-
tando-se desse jugo forte, a que, há tantos anos, andava preso.

O dia 1.º de Dezembro surgiu belo e, com ele, a empresa
arrojada de libertar a Pátria, tornou-se fácil pois teve a ade-
são espontânea da Nação inteira.

A nova feliz, corre de Norte a
Sul, e não há casa opulenta ou po-
brezinha, onde não seja recebida
com alvoroço e júbilo...

Portugal é novamente livre e o
povo reza e soluça, ergue as mãos a
Deus agradecido e enche-se de novo
vigor, de nova energia para que o
seu trabalho produza mais e para
acudir, no momento preciso a con-
solidar esta vitória retumbante.

...Não mais as nossas carave-
las irão navegar sob comandos es-
trangeiros; não mais as fronteiras
do nosso império se acharão des-
guarnecidas e livres para investidas
de inimigos ambiciosos; não mais,
nobres e fidalgos palácios de Lisboa
serão albergue de usurpadores cheios
de ambições desmedidas; não mais
será pisado, com desprezo, por sol-
dados estrangeiros aquele solo que
em si alberga os Altos Infantes,
Afonso de Albuquerque, Duarte de
Almeida, Luís de Camões e tantos
mais portugueses ilustres cujos no-
mes serão imortais.

Portugal encontrou novamente
o velho caminho da Glória e da
Honra e confiando ao Mar amigo
os seus segredos, promete-lhe que
há-de continuar a dar ao Mundo,
mais exemplos grandes de patrio-
tismo, de heroicidade, de coragem,
de abnegação e de Fé.

1.º de Dezembro — Dia Santo
da Pátria.

M. L.

A mulher nasceu para ser mãe, e
tudo nela, até a inteligência, a sobor-
dina a essa função e está sujeita às
suas contingências.

Júlio Dantas

NÃO podia o Governo da Nação escolher melhor dia
para nele render o preito de homenagem e gratidão às
Mães de Portugal.

É necessário que todos saibam apreciar quanto
devem a suas Mães e é necessário também que no coração de
cada português seja o amor à Mãe, o primeiro sentimento, a
afeição mais terna e mais pura.

A Mãe é a sacrificada obscura, que tudo dá e tudo pede
para os seus filhos; a Mãe é a obreira paciente e apagada de
tantas obras primas que são: os santos, os heróis, os artistas;
a Mãe é a alma de eleição que pelos filhos se deixa morrer,
que pelos filhos se esconde e se faz esquecida, sem um lamen-
to, sem uma censura.

Os trabalhos, os sacrifícios, as contrariedades, nada im-
pedem às mães de sorrirem aos pequeninos, que no seu regaço
se aconchegam e nele sempre encontram protecção.

As Mães nada receiam para defender os filhos das doen-
ças, dos perigos iminentes, dos desgostos, dos solavancos da
vida tão cheia de incertezas.

Quantas noites em claro a velar sonos inquietos ou agi-
tados, quantas noites em vigília, a pensar no dia seguinte, por
vezes, cheio de interrogações!

E de que modo os filhos recompensam tanto amor, tanto
sacrifício?

É lamentável dizer-lo, mas, quantas vezes, elas não são
apreciadas devidamente!.. Tanta ingratidão de que são ví-
timas as pobres mães, que tudo de-
ram por amor e que por amor, mas
de alma confrangida, tanta ofensa
recebem.

Não pode ser feliz, nem mere-
cer de ninguém consideração, o ho-
mem que não ama ou não respeita
a sua própria Mãe. Nada há que
tão bem defina o carácter de cada
um, como a atitude do seu proceder,
para com sua Mãe.

É impossível ser um bom edu-
cador aquele que dá exemplos de
ingratidão.

É preciso que as crianças de
hoje aprendam os deveres que têm
para com suas Mães. É necessário
vincar-lhes bem nitidamente no es-
pírito este dever primeiro de todo o
homem. É com todo o interesse que
o Governo Português procura dar
relevo, neste dia, à missão das Mães,
premiando muitas daquelas Mães
mais humildes, que pelo número ele-
vado de filhos e pelo seu apurmo
moral e zelo, têm sabido impor-se à
consideração de todos.

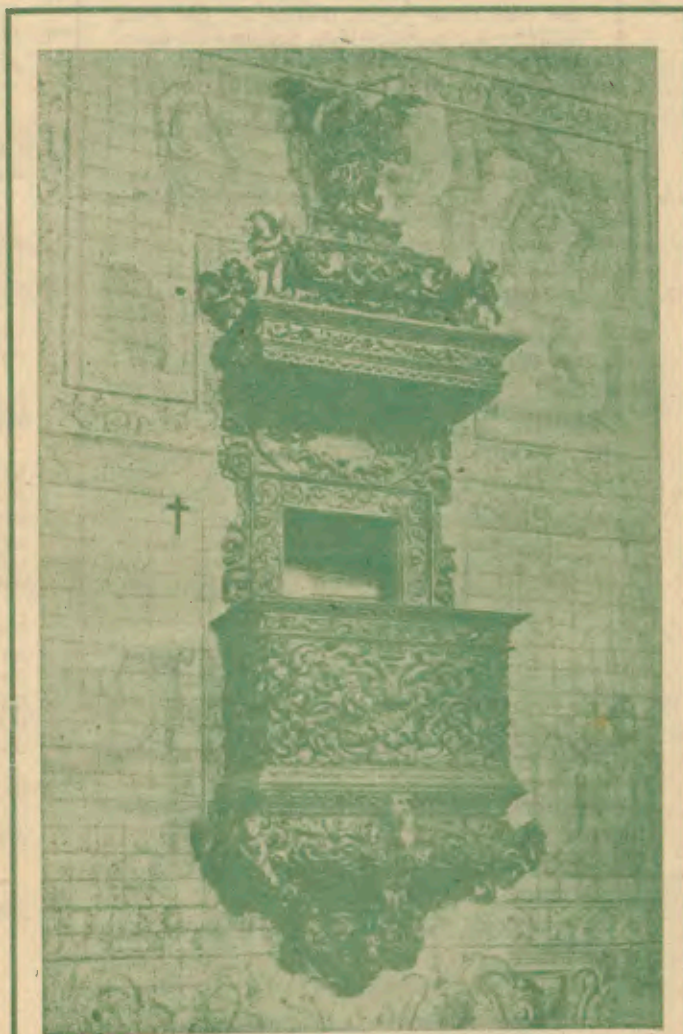
A Obra das Mães e a M. P. F.
muito têm contribuído para assina-
lar o Dia da Mãe, com festas encan-
tadoras onde a par de lindas e va-
liosias ofertas se tem feito realçar a
nobre missão da mulher, que é Mãe.

Mário Campos Henriques

Depois de uma viagem por
alguns países da Europa, já se
encontra entre nós, o Sr. Mário
Campos Henriques, sócio geren-
te da TEBE.

O pão da esmola, mesmo dado com amor,
sempre trava na boca do infeliz.

L. A. REBELO DA SILVA



Púlpito do Templo de Nossa Senhora do Terço

Este púlpito é um dos mais belos e mais bem trabalhados
que nos foi dado observar na linda cidade de Barcelos
— o púlpito da Igreja do Terço.

Esta obra de arte, em talha dourada, data do séc. XVIII
e merece ser apreciada demoradamente. Aconselhamos
o turista que, quando passar por Barcelos, entre as bele-
zas que poderá apreciar não deve alhear-se de admirar
esta talha tão primorosamente trabalhada.



Eduardo, o correcto e valoroso defesa-central do Gil Vicente fala para o nosso Boletim...

DEPOIS de havermos entrevistado Pipa, do Académico de Viseu e que recentemente esteve entre nós, havia necessidade de continuar a série, até porque temos intra-muros atletas bem merecedores, pela sua correcção e valor, de figurarem nesta galeria.

Pensando assim, resolvemos ouvir Eduardo, que a par da sua correcção como atleta e do seu indesmentível valor, possui uma inteireza de carácter muito pouco vulgar e uma lhanesa de trato que cativa e prende.

Insinua-se pelo seu porte e pela sua modestia e não há dúvida nenhuma que Eduardo conquistou Barcelos e os seus desportistas.



Eduardo Cameselhe Mendez, é este o seu nome, tem 28 anos de idade, é solteiro, e joga a bola há cerca de 15 anos.

Iniciou-se no Gran Penha de Vigo, onde esteve 5 anos, transitando, depois, para o Lemos de Monforte, cuja primeira categoria defendeu durante 3 anos, passando, a seguir para o Leonesa de onde veio para Barcelos.

A nossa primeira pergunta sobre o clube onde presta serviços e à terra onde se encontra, exprimiu-se assim:

— O Gil Vicente possui uma excelente equipa; todavia, a sorte nada tem querido consigo e, para cúmulo, raramente joga completa...

Quanto à cidade é encantadora na sua pequenez e tem dentro de si os mais lindos jardins do mundo.

Todas as pessoas são suas amigas e procurará corresponder, com a sua dedicação

Será isto Desporto?

Todo o Desporto tem uma finalidade máxima; atingir a perfeição e consequentemente, a supremacia sobre todos os adversários. É para atingir tal fim que se realizam milhares de competições que em todo o mundo, e em vários ramos, ocupam uma multidão de atletas empenhados nessa luta sem fim e empregando nela o melhor do seu esforço e energia.

Que maior satisfação pode ter um atleta do que ter contribuído para a vitória das cores que defende, mercê do suor honrado e travando uma luta leal com o seu antagonista.

Infelizmente, nos tempos de hoje, o Desporto avilta-se e procuram-se os primeiros postos ou as classificações que interessam para fins determinados, por qualquer forma, calcando aos pés os direitos dos melhores.

Ganham-se títulos em batalhas de secretaria, com a anuência dos superiores responsáveis, compram-se consciências daqueles que, pelas funções que desempenham nos campos de jogos, deviam ter por lema máximo a imparcialidade, impedem-se apreciações justas a erros lamentáveis, que conduziram ao caminho luminoso da verdade, e preferem-se as sendas escuras e tortuosas da mentira encoberta por burocracias inúteis e perniciosas.

Não são os verdadeiros desportistas que vencem, mas sim aqueles que com manhas e manobras desleais conseguem usurpar, aquilo que de direito pertence a outros.

Quanto a mim, os verdadeiros vencedores são aqueles que no campo da luta ganham em competição leal; os outros não interessam e devem ser postos à margem. Não são bons atletas nem bons adversários e jamais prestigiarão a modalidade que praticam, pois que o seu real valor mais tarde ou mais cedo aparece, numa muda acusação.

É estranho que os responsáveis por tal estado de coisas não ponham cobro a estes desmandos e antes pelo contrário os favoreçam, com leis dúbias e rebuscadas.

Lutemos por um Desporto mais são e leal, onde os de mais valor possam colher os louros merecidos e os regulamentos não sirvam para encobrir a verdade dos factos.

Pires Bigote.

e lealdade, a todas as provas de inequívoca gentileza. Não fala só por si, mas em nome de seus irmãos de nacionalidade que aqui se encontram consigo.

— Obrigado, Eduardo, pelas referências que faz a Barcelos, pelo que vemos encontra-se bem nesta cidade?

— Excelentemente. Tivemos sorte na terra em que viemos cair — não só pela sua gente, como também pelas pessoas com quem somos obrigados a tratar. São todos excelentes amigos e excelentes camaradas.

— Voltando atrás. Diga-nos, Eduardo, a pouca sorte de que nos fala terá influído na posição da equipa?

(Continua na página 3)

O Oquei do mês

ENCONTROS DISPUTADOS

A última jornada do Campeonato Regional, que o Clube Desportivo da TEBE tinha a disputar com o Turismo Oquei Clube das Taipas, não se realizou porque o nosso Clube não compareceu. Circunstâncias várias o determinaram, e foi com pena que nos vimos forçados a desistir do jogo.

— No passado dia 31 de Outubro, realizou-se a repetição do jogo com o Académico de Braga que aquele Clube tinha «protestado» (?).

O encontro decorreu com correcção, e o A. B. C. saiu vencedor por 2-1, devendo-se o fracasso da nossa equipa ao facto de o árbitro Francisco Melo, incompreensivelmente e demonstrando ignorância absoluta das regras do oquei patinado (podemos prová-lo), não ter permitido que duas grandes penalidades fossem marcadas com o stick encostado à bola.

Baseado no facto apresentou o nosso Clube protesto que não foi aceite.

A tudo isto não fazemos comentários, pois já é tradicional o partidarismo tomado por certos clubes, aos quais tudo é facilitado.

COMENTÁRIOS AO NACIONAL

Terminados que foram os apuramentos para o Campeonato Nacional, verificou-se que os Clubes do Norte eliminaram os representantes do Minho.

Não nos admira que tal tenha acontecido porque se raciocinarmos com um pouco de lógica, chegamos à conclusão que os clubes minhotos não tinham envergadura para competir com os adversários.

O Académico, dispensa comentários, pois a sua actuação demonstrou sobejamente o valor da equipa.

Quanto ao Vianense é sem dúvida um bom conjunto, com técnica apurada, mas sem «calo» nem «físico» para tal prova.

O sistema de apuramento seguido não parece conveniente, pois que o Campeonato perde grande parte da sua finalidade e utilidade. Devia ser a escola onde os mais fracos, em contacto directo com os melhores, recebessem lições valiosas que contribuíssem para um maior desenvolvimento da modalidade.

É assim negada oportunidade de subir aos clubes menores, sendo preferível que tomassem parte na Prova os 2 primeiros classificados dos campeonatos regionais de cada Associação sem mais apuramentos. Se desta forma fossem Clubes demasiados, o que não nos parece óbvio, poderia optar-se somente pelo 1.º classificado.

Assim é que seria justo, pois havia lugar para todos.

Oxalá que no próximo ano a orientação da prova máxima do oquei seja outra.

Big

Notícias várias

O Clube Desportivo da TEBE inscreveu-se na Taça Turismo, da Associação de Patinagem do Minho, que será disputada em Braga.

A equipa de honra do Vianense, vencedora do último Campeonato Regional foi homenageada, aliás, com todo o mérito, pois fez uma prova brilhante.

Daqui nos associamos a essa manifestação de apreço aos nossos colegas e amigos.

O saber não ocupa lugar

O cinema também instrue

Pelo cinema terá a facilidade de ver muitas terras e muitas gentes com costumes diferentes dos nossos, cidades grandiosas, selvas quase inexploradas, rios extensíssimos, lagos maravilhosos, e um sem número de maravilhas do progresso.

Pelo cinema, quando nos deixa admirar a flora e a fauna através de cuidadas filmagens, ficamos inteirados da variedade das espécies... A ciência e a arte caminham a passos de gigante.

Uma anedota para variar

Filho — Não pai, não posso repetir a palavra que Joãozinho disse. Se o pai quiser saber, diga todos os nomes feios que quando disser esse eu digo para parar.

Tantos Santos... Não!

O Snr. Manel, cá da aldeia, costuma nesta altura do vinho novo provar nas adegas dos vizinhos... e às vezes, esquece-se, que muitos copos, mesmo do novo, produzem os seus efeitos. Quando ia regressar a casa e as pernas já lhe pesassem, começou a pedir a vários santos para o ajudar a subir para o cavalo. S. Pedro! Ajudai-me, Santo António! valei-me, S. João! empurrai-me. Por fim dá um forte impulso ao corpo e cai do outro lado do cavalo.

— Devagar, credo — diz ele, procurando levantar-se. — Todos ao mesmo tempo, não!

Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

(Continuação do número 3)

§ 2.º — Os estudantes que não obtinham aproveitamento escolar só voltam a dar direito ao abono a partir do ano lectivo seguinte àquele em que voltem a ter aproveitamento.

Artigo 15.º — Sempre que haja alteração no número ou situação das pessoas a cargo do beneficiário, deverá este preencher outro boletim no prazo de 10 dias, a contar da data em que a alteração se verificou, mas só serão de apresentar novas provas desde que o quantitativo do abono seja de manter ou aumentar.

CAPÍTULO IV

Pagamento do abono

Artigo 16.º — O abono de família é devido aos beneficiários cujas contribuições totais se encontrem em dia ou a coberto dos prazos de tolerância previstos na Secção 4.ª do Capítulo II do Regulamento da Caixa.

§ único. — O abono de família subsiste:

a) — Em caso de doença, enquanto subsistir o direito ao subsídio na doença;

b) — Em caso de desemprego involuntário, quando o beneficiário requerir o pagamento de contribuições nos termos do art. 51.º do Regulamento da Caixa;

c) — Em caso de acidente de trabalho, nos termos do art. 54.º do Regulamento da Caixa;

d) — Em caso de serviço militar obrigatório, desde a entrada até à saída nas fileiras, devendo os beneficiários requerer em devido tempo o pagamento das contribuições nos termos do art. 55.º do Regulamento da Caixa.

Artigo 17.º — O abono é pago em regra ao chefe de família.

§ 1.º — Em caso de separação ou divórcio, e desde que os filhos fiquem

obrigatoriamente a cargo do cônjuge que não é o que normalmente teria direito a receber o abono, este deverá ser pago ao cônjuge que viva em economia familiar com os filhos do casal, mesmo que para eles receba qualquer pensão de alimentos.

§ 2.º — Quando houver decisão com trânsito, proferida por Tribunal de Menores, indicando com direito à percepção do abono pessoa diferente do chefe de família, a ela se efectuará o pagamento.

§ 3.º — Se o beneficiário se recusar a requerer a concessão do abono para seus filhos, com o fundamento de se encontrar separado da mãe dos menores, poderá esta requerer a referida concessão, desde que os filhos comuns vivam na sua companhia e a seu cargo.

CAPÍTULO V

Disposições gerais

Artigo 18.º — Não é permitida a acumulação de abonos de família quando ambos os cônjuges exerçam profissão remunerada.

Neste caso, o direito ao abono respeita exclusivamente ao chefe de família.

Artigo 19.º — O abono de família é isento de quaisquer taxas, contribuições e impostos.

Artigo 20.º — O direito ao abono é inalienável e impenhorável, mas prescreve pelo lapso de seis meses a contar do primeiro dia do mês seguinte àquele a que respeita.

Artigo 21.º — A Caixa fornecerá mapas estatísticos mensais e demais elementos relativos ao pagamento de abonos conforme modelos elaborados pelo I. N. T. P.

(Continua no próximo número)

Quem é o comerciante?

Com a devida vénia transcrevemos do PONNEY, de Coimbra, de 31 de Outubro deste ano, o seguinte:

«Um conceituado comerciante da nossa praça resolveu, por meio de prospectos, fazer a publicidade da sua casa. E não esteve com meias medidas! Mandou imprimir 1.000 ex. que foram distribuídos pela cidade inteira. Eis o que homenzinho diz:

«Manuel F., srução, rigedor, comerciante e agente de interros. Respeitosamente informa as senhoras e cavalheiros que tira dentes sem esperar um minuto, aplica catapelasmas e salapismos a baixo preço e vixas a 2 escudos cada garantidas.

Vende pelumas, cordas, corta calos, juanetes, aços partidos, tusquia burros uma vez por mês e trata das unhas ao ano.

Amola facas e tesoiras, apitas a 10 centavos castiçais, fregideiras e outros instrumentos musicais a preços muito reduzidos.

Ensina gramática e discursos de maneiras finas acima como catecismo e ortografia, cantos e danças, jogos de sociedade e bordados.

Perfumes de todas as qualidades.

Como os tempos vão maus, pesso licença para dizer que comessei também a vender galinhas, lans, porcos e outra criassão. Camisolas, lenços, ratueiras, enchadas, pás, pregos, tejos, carnes, chouriços e outras ferramentas de jardim e lavoira, cigarros, pitrol, augardente e outras matérias inflamáveis.

Hortalças, frutas, músicas, lavatórios, pedras damolar, sementes e loiças e manteiga de vaca de porco.

Tenho um grande çortimento de tapetes, cerveja, velas, fósforos e outras çonçervas como tintas, sabão, vinagre, combro e vendo trapos e ferros velhos, chumbo e latão.

Ovos frescos meus, paçaros de canto como moxos, jumentos, piruns, grilos e depósito de vinhos da minha lavra. Tualhas, cobertores e todas as qualidades de roupas.

Ensino jiografia, aritmética, jlnás-tica e outras çhinezisses ».

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANUNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

As malhas TEBE são uma mensagem de bom gosto...

Entram em toda a parte: Na escola, na oficina, no campo...

As malhas TEBE levam a marca inconfundível em quatro letras apenas: TEBE... que significam:

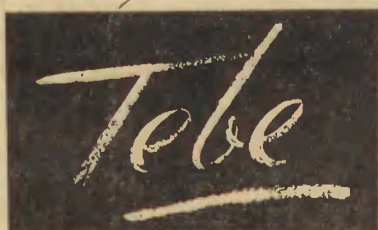
- T — Trabalho
- E — Elos de perfeição
- B — Beleza inalterável
- E — Elegância inconfundível

Os tules da fábrica de Malhas TEBE são mantos diáfanos, duma transparência sublime, próprios para todas as coisas de esmerado bom gosto.

Sametil... Sametil...

Para eczemas... Único com este nome. É um produto honesto a um preço honestíssimo.

À venda nas melhores farmácias



Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Ouro em casa é um tesoiro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por ouro.

Casa do Café

Café bom, a saber bem, Todos sabem bem qual é... Sem mentir, posso afirmar: É o da CASA DO CAFÉ.

Vilas Boas & Irmão

Um fato feito com gosto, Elegância e perfeição, Belos forros e bons preços: VILAS BOAS & IRMÃO.



Apontamentos sobre Alexandre Herculano

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAÚJO nasceu em Lisboa a 28 de Março de 1810. Filho de gente humilde e sem recursos, cedo viu cerceados os seus desejos mais altos. Herculano bem desejava matricular-se na universidade de Coimbra, contudo os recursos dos pais não o permitiram. Se é certo que mesmo assim não deixou de aprofundar assuntos referentes ao comércio, como línguas, etc., é certo também que os problemas históricos, nas suas múltiplas facetas, o prenderam apaixonadamente.

Perdia horas e horas a descortinar na poeira dos arquivos a matéria prima que lhe havia de fornecer elementos preciosíssimos para gizar as suas inconfundíveis peças adentro do quadro da nossa história literária.

Viveu e sofreu a opressão miguelista, sendo perseguido por não falsear o carácter, sendo ultrajado por não vender o talento. E em Agosto de 1831 a polícia procura-o por toda a parte, como se tratasse dum homem qualquer. Encontrava-se nesta altura, no Tejo, a fragata Melpomene, a qual lhe deu guarida.

Longe da Pátria, andou refugiado com tantos, pela Inglaterra, pela França, etc., onde privou com outro valor das nossas letras, também escritor, também poeta, também político, também perseguido—Almeida Garrett. Ambos e outros mais, unidos numa fraternal camaradagem, juraram, em nome da liberdade, banir e aniquilar o miguelismo de então. Insuflados por uma rajada de vontades conjuntas de ideais novos e seguindo as ordens do príncipe D. Pedro, pisam, novamente, o solo lusitano, na faixa célebre do Mindelo, donde seguem rumo ao Porto, envoltos de fé, com as almas erguidas pela força e razão dum exército liberal.

Os tempos mudam depressa e com eles os homens e as coisas. E assim com a vitória de 9 de Setembro de 1836, começam as afrontas, delapidando-lhes os direitos de bibliotecário, por, orgulhosa e honestamente, não ter aceiteado a vontade dos vencedores... Sacrificou o pão, a independência; mas não sacrificou a vontade, o talento, o seu ideal... não vendeu o carácter.

Publicou panfletos, designando-os a «VOZ DO PROFETA», onde ataca os sequazes que voluntariamente se entregaram aos vencedores, pondo a nú a descrença nos homens e os defeitos das ideias contrárias à liberdade da ideia. O seu nome vai conquistando terreno, a sua fama, nesta altura, repercute-se de Norte a Sul e os seus escritos, disputados, passam a tomar forma na revista «Panorama». Escritor de garra depressa se impôs ao mundo intelectual do seu tempo. O Bobo, O Monge de

Cister, as Lendas e Narrativas, etc., vão aparecendo impressos na citada revista.

Seguidamente surge-nos como poeta, dando à estampa a Harpa do Crente e mais tarde surge-nos com toda a sua magnitude legando-nos, a bem das letras, a maravilhosa História de Portugal, peça inconfundível, filha duma vontade forte e decidida, honesta e pura,



ALEXANDRE HERCULANO

verdadeira e, portanto, eterna... É, a bem da verdade, o melhor dos seus belíssimos trabalhos, mostrando-nos, em cada página, as suas invulgares qualidades de estudioso. A Idade-Média chama-o e incita-o, e ele, sabe aproveitar-se dela, extraíndo-lhe a essência para as suas justificações políticas. Há tanto a dizer de Herculano, da sua vida, da sua obra, do seu talento que, para falar dele, seria preciso começar devagar pela sua biografia, à luz da verdade, seguir pela sua obra dentro e trazer à luz das inteligências a «Voz do Profeta», belíssimo poema em prosa e depois penetrar no meio das lutas, das lendas, no pélogo da Idade-Média, dos seus maravilhosos livros históricos.

Entraríamos nas Lendas e Narrativas onde se evocam acontecimentos como o do Alcaide de Santarém, do Castelo de Faria, da Morte do Lidador, etc., para não falar em todos...

Em seguida teríamos de focar Herculano visto à luz da historiografia científica, penetrá-lo nos Opúsculos, senti-lo na Harpa do Crente e, no final, diríamos, em resumo, que Herculano teve, tem e terá um nome intangível

no campo literário-moral como poucos. Temos de lhe agradecer o favor de salvar da fúria dos tempos e da ignorância dos homens alguns manuscritos que a traça e o desleixo iam corrompendo... salvou-os transcrevendo-os, anotando-os, dando-lhes corpo e forma, beleza e ideia.

E assim, Herculano, figura gigante e indomável, altivo na sua modéstia natural, com ideias que morreram com ele, enojado dos homens, observando como poucos a falta de carácter e de justiça de muitos resolve acabar os seus dias, alheando-se o mais possível de explorações intelectuais, na senda natural da vida campezina... Vale de Lobos foi a sua última afeição... Morreu o homem; mas a obra e o nome perduram para todo o sempre.

A. B.

APONTAMENTOS para a História da Poesia

Por EDUARDO ALVES

(Continuação do número 3)

Criação da Epopeia

A poesia épica germinou na Grécia. Dos poemas épicos de maior projecção devemos citar a ILIADA e a ODISSEIA, sendo aquela anterior à Odisseia.

Iliada

A Iliada é um poema cujo conteúdo tem, na sua contextura, o drama da destruição de Troia, e como principal herói o célebre e famoso Aquiles.

Odissela

A Odisseia, poema também célebre, narra-nos as consequências que surgiram após a conquista de Troia.

Estes poemas têm sido muito discutidos, e tudo leva a crer que o seu verdadeiro autor seja HOMERO, contudo, alguns eruditos sobre o assunto mostram as suas dúvidas e reservas...

A Epopeia na Literatura Latina

A maior obra da epopeia latina está consagrada na ENEIDA, poema fundido com a história de Roma, que é, sem dúvida, um poema sóbrio, elevando a história de Roma a um expoente máximo, num período de suprema glória... o seu autor foi Virgílio.

Sobre os poemas citados há muito a dizer, mas reservamos para o nosso épico toda a verdade e toda a justiça da glória.

(Continua na página 4)